

A medalha tem de diametro 0^m,1135 ¹ e de espessura 0^m,0055. É de cobre e está muito bem conservada.

Mas... decepção! Observando o bordo vê-se que é feita de duas partes unidas. Será isso indicio seguro de que é uma reprodução pela galvanoplastia? Não queremos indagar: não conhecemos senão outro exemplar como este, mas em muito mau estado de conservação e não nos consta que seja conhecido o original.

É pois uma medalha rara, inedita e até desconhecida, e uma medalha nestas condições e com o valor e interesse historico que esta tem, conserva-se religiosamente ².

Junqueira, Dezembro de 1904.

ARTHUR LAMAS.

Antiguidades monumentaes do Algarve

APPENDICE AO CAPITULO I

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, IX, 200)

II. — Estampas dos cranios

[Com o ms. das *Antig. Mon. do Algarve* recebi da Direcção Geral da Instrucção Publica exemplares lithographicos das estampas dos vinte e dois cranios estereographados de que Estacio da Veiga falla acima, pag. 204. Aqui as publico, em tamanho reduzido, nas estampas juntas. A redução foi operada photographicamente.

A respeito d'estes vinte e dois cranios, acrescentarei que, segundo informação que me deu o Sr. Dr. Ferraz de Macedo, elles vieram do Algarve em muito mau estado, isto é, reduzidos a fragmentos, que o mesmo senhor teve de soldar uns aos outros para reconstituir os cranios e os poder medir e estereographar. Estão ainda em poder do Sr. Dr. Ferraz de Macedo, que porém me prometteu enviá-los para o Museu Ethnologico. Effectivamente os cranios fazem parte da collecção archeologica algarvia organizada por Estacio da Veiga, e é de toda a conveniencia scientifica que fiquem no Museu juntos com as outras partes d'ella. — J. L. de V.]

¹ Na figura está reproduzida em tamanho natural.

² *Observação.*—Tanto no averso como no reverso da figura da medalha, á esquerda, em baixo, está uma assignatura. Para evitar equivocos, declaramos que é do auctor da photogravura, que ali a collocou impensadamente, e não do auctor da medalha, como poderia suppor-se.

CAPITULO II

Summario

Trata-se da existencia de uma raça humana, de origem não asiatica, propriamente antochthone da Europa Occidental, simplesmente comprovada por textos classicos.—Grupos em que se propõe dividida esta raça.—Largo territorio que ella foi occupando em varias regiões.—A questão da Atlantida, combatida e defendida.—Propõe-se que a raça iberica, tendo levado o seu dominio ás diversas regiões do Mediterraneo, fôra combatida e destruida por outra raça mais possante, e obrigada a refugiar-se com a sua lingua num recanto dos Pyreneus.—Combate-se vigorosamente esta infundada asserção, mostrando-se que o predominio iberico nunca se extinguiu, e que a sua lingua escrita e a sua civilização ultrapassaram os proprios primeiros tempos historicos até epoca muito adeantada.—Fundamentos com que se propõe que a chamada raça atlantica pudesse ter sido antochthone do solo iberico.—Provas geologicas, anthropologicas, archeologicas e epigraphicas que correm em reforço d'esta proposição.—Mostra-se que os hieroglyphos estampados em rochas e cavernas, tanto na Hispanha como em Portugal, são posteriores á instituição do systema graphico peninsular.—Dá-se noticia de uma outra raça humana, do typo brachycephalo, ter invadido a Europa Occidental.—Repelle-se toda a ideia de invasão e mostra-se que este typo ethnico deve ser igualmente originario d'esta ultima parte do Occidente.—Razões e provas que levam a este conceito.—Fundamentos que obrigam a entender que as raças brancas, muito mais modernas na Asia que na Europa, devem ter sido originariamente grupos destacados do berço europeu occidental para povoarem o trato que occupam na região asiatica.

.....

[Vê-se do summario transcrito a cima que o cap. II da obra de Estacio não versa propriamente sobre archeologia algarbiense, mas sobre varios problemas de character theorico e subjectivo; por isso, como ponderei a cima, na Advertencia preliminar, entendi ser desnecessario publicar n-*O Archeologo* esse capitulo.—J. L. DE V.]

CAPITULO III

Summario

Explica-se como se operou a transição dos tempos prehistoricos para os historicos.—Indica-se por aproximação o termo da primeira idade do ferro na peninsula hispanica.—Refutam-se muitas doutrinas correntes e prevê-se que a escola moderna, admittindo-as e ainda sustentando-as, será fatalmente reformada, ou antes substituida, não podendo resistir-lhe a maioria dos seus aphorismos.—Mostra-se que a sciencia da historia, neste meio seculo mais proximo, será forçada a adoptar outras bases, outros moldes e outro systema de inquirição.—O divorcio entre a historia e a fabula será inevitavel.—Divisões e designações geographicas com que os escritores gregos e latinos assinalaram este territorio.—Não conseguem porém esclarecer a verdadeira origem das populações, porque tudo já escapava ao seu alcance.—O moderno Algarve é então dividido em dois promontorios, abrangendo cada um d'estes uma região com varias populações, a que chamam Cynetas, Cuneos, Lusitanos, Celtas, etc.—São citadas algumas cidades de origem preromana, cujos nomes não são gregos nem latinos, taes como Myrtilis, Esuri (?), Balsa, Ososnoba, Lacobriga.—Superabundam as lacunas respectivas ás designações ethnicas e geographicas, como se vae ver no capitulo seguinte.—Unico recurso para poderem ser suppridas.

Incumbido do estudo das antiguidades de toda a região geographica do territorio nacional, comprehendida entre a raia meridional do Oceano e a linha serrana que de oeste para leste liga o Algarve ao Alemtejo, entendi dever dividi-las em *prehistoricas* e *historicas*. D'este modo elaborei duas cartas archeologicas para com maior clareza poder separá-las, e especialmente representar cada um d'esses grupos ordenados em epocas distinctas.

A carta paleoethnologica, indicando as antiguidades prehistoricas que descobri naquelle territorio, acompanha o primeiro volume d'esta obra e rege todos os criterios archeologicos descritos até o fim do quarto volume.

A carta archeologica que precede o primeiro capitulo d'este livro, symboliza os criterios da transição dos tempos prehistoricos, e serve para indicar as epocas e os generos das antiguidades historicas, que descobri em todo o Algarve e devo descrever até o fim d'esta obra, com excepção dos monumentos posteriores á conquista portuguesa.

A transição dos tempos prehistoricos para os historicos não se deve considerar isochrona e regular como os solsticios, ou como outros phenomenos periodicos, determinados pelas leis geraes da gravitação universal; foi, pelo contrario, geralmente effectuada nas diversas regiões do globo em varios tempos, e, relativamente a algumas nações,

com a differença de muitos seculos, do mesmo modo que succedeu com as idades que a precederam.

A transição ou passagem de uns para outros tempos não se operou tão rapidamente como pretendem os theoristas de umas migrações, não demonstradas, que só transitaram pelos dominios da sua exaltada fantasia. O exemplo d'esta asserção fornecem-no as invasões dos tempos historicos, as quaes, ainda mesmo implantando logo no país conquistado os seus caracteristicos usuaes, nunca puderam, todavia, repentinamente destruir os da individualidade da nação subjugada.

A transição de umas para outras idades, de uns para outros tempos, effectuou-se sempre mui lentamente, até ficarem definitivamente estabelecidos sobre os caracteristicos de uma epoca os que passaram a predominar e a constituir a feição da que lhe succedeu.

Nos proprios países que mais correctamente manifestam a serie das épocas que nelles ficaram assinaladas por caracteristicos especiaes das civilizações que se foram ordinalmente succedendo, não ha, ou pelo menos não se póde achar, um documento que determine o fim de uma epoca ou idade, e o começo da que se lhe seguiu.

É o caso que se dá com referencia á zona do Algarve, onde mui nitidamente se observa a passagem lenta de umas para outras idades, figurando sempre na mais moderna a maioria dos caracteristicos da anterior, e nunca a substituição radical e completa, como devêra succeder, se uma invasão estrangeira, ali chegada, tivesse achado deserto o territorio, ou conseguisse exterminar os seus habitantes; e, por isso, a differença dos caracteristicos que determinaram as épocas só é licito attribuir-se, não ás migrações estrangeiras, que não deixaram vestigios reconheciveis, mas apenas á natural evolução da continuidade do progresso indigena.

Com referencia á Peninsula Hispanica termino eu a primeira idade do ferro naquella phase que precede as guerras punicas, porque embora um ou outro texto classico possa attingi-la, nada nos ensina do que é essencial ao encadeamento dos factos que constituiram a feição sociologica das populações então existentes; pois somente as estações archeologicas, ainda intactas e bem caracterizadas, podem permittir um mais ou menos aproximado julgamento do intuito moral, das crenças, das concepções ideaes, das aptidões praticas e de alguns usos e costumes d'esses indigenas, que mais cuidaram em honrar as reliquias dos mortos, do que em perpetuar a memoria dos vivos.

.....
Quasi toda a doutrina que constitue a escola moderna será fatalmente reformada, ou antes substituida, e poucos dos seus aphorismos,

neste meio seculo mais proximo, ficarão de pé. Para a sciencia da historia haverá outras bases, outros modelos e outro systema; outras serão as conclusões referentes a cada assunto; os textos classicos e as tradições de outrora passarão a observar-se por prismas de mais aperfeiçoado labor: o divorcio entre a historia e a fabula é inevitavel. A sciencia assim o determina. Houve, com effeito, a partir de uma epoca, que não ultrapassa a primeira idade do ferro, alguns povos, como ainda succede actualmente em todo o mundo, que puderam distinguir-se e adeantar-se mais do que outros; o que deve ter sido determinado por diversas causas, que hoje não é possivel averiguar, comquanto seja verosimil entender-se que uma das mais poderosas seria o proficuo emprego do ferro nas construcções e nos instrumentos de trabalho.

Muitas cidades, hoje arrasadas, floresceram nesses tempos na Asia; mas tambem devêra tê-las tido a Europa, sendo habitada por gente branca de raças superiores, como o estão indicando vastas necropoles, que necessariamente devem ter pertencido a grandes centros de população. Muitos d'esses centros povoados teve tambem a Hispanha desde a ultima idade da pedra até á idade do bronze, como o testificam as descobertas ultimamente effectuadas pelos Srs. Siret entre Carthagena e Almeria; e não faltam no territorio portuguez largos vestigios de arrasados campos de habitação, mas que nunca ninguem explorou até esta data. Alem d'isto, sabido é que as invasões historicas foram successivamente transformando as terras conquistadas á feição dos seus usos e costumes, quando não preferiam destrui-las com o incendio ou o arrasamento, ao passo que os terramotos, as inundações e outros diversos agentes naturaes, a agricultura, os trabalhos publicos, grandemente contribuíram para a completa ruina de numerosos recintos de habitação. E a que datas poderiam remóntar as origens das cidades que os Carthagineses achariam na peninsula hispanica, cidades cujos nomes mais ou menos deturpados principiam a resurgir do esquecimento desde que a cubiça romana apontou a este rumo a sua desenfreada rapina? Serão de origem mais antiga as da Asia? Quem o affirmar, precisa primeiramente demonstrá-lo.

Os escritores da antiguidade hellenica e latina, tendo tão copiosamente tratado do Oriente, pouco todavia quizeram occupar-se da Europa; apenas destacadamente, ou a largos espaços, nos deixam de quando em quando lobrigar, por entre os frouxos lampejos de uma luz escassa e amortecida, uns taes ou quaes restos de umas antigas civilizações europeias, já então apenas vagamente indicadas pelas tradições; e é a contar das guerras punicas, mas principalmente do primeiro

seculo em diante, que começam a querer delimitar as circunscricões topographicas de numerosos povos, que distinguem sob diversas designações ethnicas. Com taes designações conseguem porém na grande maioria dos casos, não esclarecer as verdadeiras origens das populações, porque tudo isso já escapava ao alcance dos seus recursos, mas apenas fundar um labyrintho de tal arte inextricavel, que nelle sempre se acharam enredados os mais atilados entendimentos. Estrabão e Plinio são, por assim dizer, os compiladores de tudo quanto até os seus dias se havia escrito e corria por tradição, e ao mesmo tempo os propagadores mais conspicuos da vasta sciencia que tinham adquirido. Ambos se occuparam de muitas particularidades respectivas á peninsula hispanica, onde Plinio durante quatro annos exerceu um logar de autoridade superior (*procurator Caesaris*) desde o anno 69 até o 73, em que regressou a Roma. Pomponio Mela, emfim, que tinha nascido na Bética, passa por ter sido o mais exacto geographo com respeito ás cousas da sua patria, e comtudo muito deixa a desejar.

Eu tenho á vista as obras d'estes autores, mas nenhuma d'ellas, nem o seu conjunto, me permite poder esboçar um quadro geral das populações luso-hispanicas, das suas cidades, dos seus usos e costumes, das suas crenças, do seu estado politico e administrativo, das suas alianças, do grau da sua cultura, ou finalmente da feição geral da sua civilização.

Nota-se mesmo a certos respeitos uma singular discordancia entre estes mui conceituados escritores, tendo elles vivido no mesmo seculo e devendo melhor do que outros ter mais perfeito conhecimento da Hispania.

Cabe porém a Estrabão o particular merito de haver sido um tanto mais noticioso, principalmente com referencia á Bética, embora pareça não ter visto o que descreve sob o testemunho de Artemidoro, Possidonio e Polybio.

Estrabão confunde porém o promontorio *Cuneus* com o *Sacrum*, dizendo que com o nome de *Cuneus* era designada a região meridional entre *Sacrum* e o rio Anas. Fazendo ponto de partida do *Sacrum* pela costa occidental até o Tejo e pela costa do sul até a foz do Guadiana, entre estas linhas designa uma população de *Celtici*, pela maior parte, com algumas tribus lusitanicas, que pouco antes os Romanos para ali tinham transportado das margens do Tejo; mas Pomponio Mela, natural da Bética, descreve de um modo mais nítido a região meridional.

«A Lusitania, diz Mela (Lib. III, 1), começa alem do rio Anas, fórma primeiro uma grande saliencia no Mar Atlantico, que depois se retrae e corre no rumo oriental, ultrapassando a Bética. Nesta sa-

liencia acham-se tres promontorios e dois golfos. O promontorio vizinho do rio Anas chama-se *Cuneus Ager*, porque, avançando da terra com larga base, alonga-se e vae estreitando em fórma de cunha; o segundo chama-se *Promontorio Sagrado*, e o terceiro *Grande Promontorio*. No primeiro estão Myrtili, Balsa, Ossonoba; no segundo Lacobriga e o Porto de Annibal; no terceiro Eboras»¹.

Plinio confirma a existencia dos Lusitanos na região comprehendida entre o promontorio Sacro e o Rio Ana, assim como indica ali tres das cidades designadas por Mela, dizendo: «Ab Ana ad Sacrum Lusitani. . oppida: Ossonoba, Balsa, Myrtilis»². Nessa região designa os dois promontorios: «*promontorium Sacrum et alterum Cuneus*», e neste include as cidades acima referidas; nada nos diz porém de Lacobriga e Portus Hannibalis, de que falla Pomponio Mela, talvez por não existirem já na data em que compôs a sua *Naturalis Historia*.

Este insigne naturalista, historiador e geographo, parece não ter empregado o termo *Celtici* como designativo ethnico de uma determinada raça, mas antes como prenome generico, que precedia e acompanhava a denominação de cada povo ou cidade; pois aponta com o nome de *Celticas* algumas populações de nomes diversos, como por exemplo: «*Celtici cognomine Neriae, e Celtici cognomine Presamarci*»³. É porventura nesta acceção que o sabio indagador refere no livro terceiro (III, 10), «que os *Celticos* vindos da Lusitania são um ramo dos Celtiberos; o que se manifesta por seus ritos religiosos, pela lingua, pelos nomes das cidades, que são os mesmos na Bética, excepto nos sobrenomes: *Celticos a Celtiberis ex Lusitania advenisse manifestum est; sacris, lingua, oppidorum vocabulis, quae cognominibus in Baetica distinguuntur*».

Se este é o sentido que Plinio ligou ao termo *Celtici*, outro não será talvez o que Estrabão quis significar, dando o mesmo nome aos povos existentes entre as linhas que do cabo de S. Vicente seguiam a costa do sul até a foz do Guadiana, e pela costa de oeste até o Tejo.

.....

¹ «At Lusitania trans Anam, qua mare Atlanticum spectat, primum ingenti impetu in altum abit: deinde resistet, ac se magis etiam quam Boetica abducit. Qua prominet, bis in semet recepta mari, in tria promontoria dispergitur. Anae proximum, quia lata sede procurrens, paulatim se ac sua latera fastigat, Cuneus Ager dicitur: sequens Sacrum vocant; Magnum, quod ulterius est. In Cuneo sunt Myrtili, Balsa, Ossonoba; in Sacro Lacobriga, et Portus Hannibalis; in Magno Eboras». — Pomp. Mela, *De situ orbis*, Lib. III, 1).

² Plin., *Nat. Hist.*, Lib. IV, xxxv, 4.

³ Idem. *Nat. Hist.*, Lib. IV, xxxiv, 3.

É evidente que naquella extremidade sul-occidental da península houve populações na ultima idade da pedra, na idade do cobre, na do bronze e na primeira do ferro, porque tudo isto já ficou demonstrado nos primeiros quatro livros d'esta obra; mas como se appellidavam essas populações em cada uma das ditas idades? Eu não o sei dizer. Os que sabem tudo, que o digam. Depois, muito depois d'isto, quando já começavam a raiar neste horizonte os primeiros crepusculos da historia, mas principalmente quando Phenicios, Gregos e Romanos se succedem disputando uns aos outros, e todos aos indigenas, a posse da terra peninsular, é por assim dizer quando o Algarve é nomeado por varias designações. É então que os Gregos e os Latinos tomam a seu cargo expandir o que foram apurando acêrca d'esta parte da península, comprehendida entre o rio Guadiana e o cabo de S. Vicente; mas com tal discordancia e obscuridade, que, quanto a mim, confesso não poder tirar a limpo um conceito digno de confiança. Varios escritores modernos tentaram designar os mais antigos povos que occuparam a região do Algarve; e foi Fr. Vicente Salgado talvez o mais esculpulo de todos os indagadores.

O P.^o Salgado, recorrendo aos escritores gregos, latinos e hespanhoes, desenvolve sobre este assunto larga erudição, e comtudo mui pouco se colhe do que conseguí eu colligir, porque esses autores não podiam dizer-lhe o que ignoravam. Salgado, no cap. v das *Mem. Eccles.*, pag. 59 e seguintes, falla-nos dos antigos povos Cinétas e Cúneos. Eis aqui o que refere: «Antes de mostrar o sitio da Cidade de Osso noba, que foi estipendiaria no tempo dos Romanos, e deo titulo á antiga Cathedral da nossa Luzitania, é indispensavel fallar dos Póvos Cinétas e Cúneos, habitadores das suas ribeiras, e margens lithoraes. São sabidas as prolixas viagens dos Gregos ás Hespanhas. Muitos Capitães insignes, acompanhados de diversas gentes, emprendião estas longas fadigas navaes, attrahidos da fama do commercio das nossas terras. Alguns homens dos que compunhão a tripulação dos navios, ou galeras, e que erão naturaes da Arabia, ficarão povoando as costas maritimas do Algarve, já com permissão dos seus mandantes, e já refugiados entre os mesmos habitantes, aos quaes chamavão Cinétas, e derão nome ás margens lithoraes desde o Bétis, ou Guadalquivir até ao Sacro Promontorio, que tambem foi chamado naquelles dias *Cabo dos Cynétas*». Acrescenta que Polybio falla muitas vezes de uma cidade com o nome de Cynétas, situada na Ibéria, cujos povos se chamaram Cynéthenses, mas que Herodoto faz distincção entre Cynétas e Cynésios; e que o rio Ana passava por meio d'esta região dos Cynétas, cujos povos foram depois numerados entre os Turditanos. Note-se porém que Salgado diz

que Tito Livio, seguindo a Polybio, já dá como destruída a região dos Cynétas. Explica porém do modo seguinte essa destruição: «Acabada a guerra Púnica, e lançados fóra os Karthaginezes por P. Cornelio Scipião, M. Porcio Catão, sahindo da Hespanha citerior desceo á Lusitania na ulterior (como se lê em Polybio, citado por Plutarco), devastando os logares lithoraes, onde moravão os antigos Cynétas, em cujos limites descreve Pomponio Mela o Promontorio, ou Cabo Cúneo, que tambem deo nome aos Póvos seus habitadores».

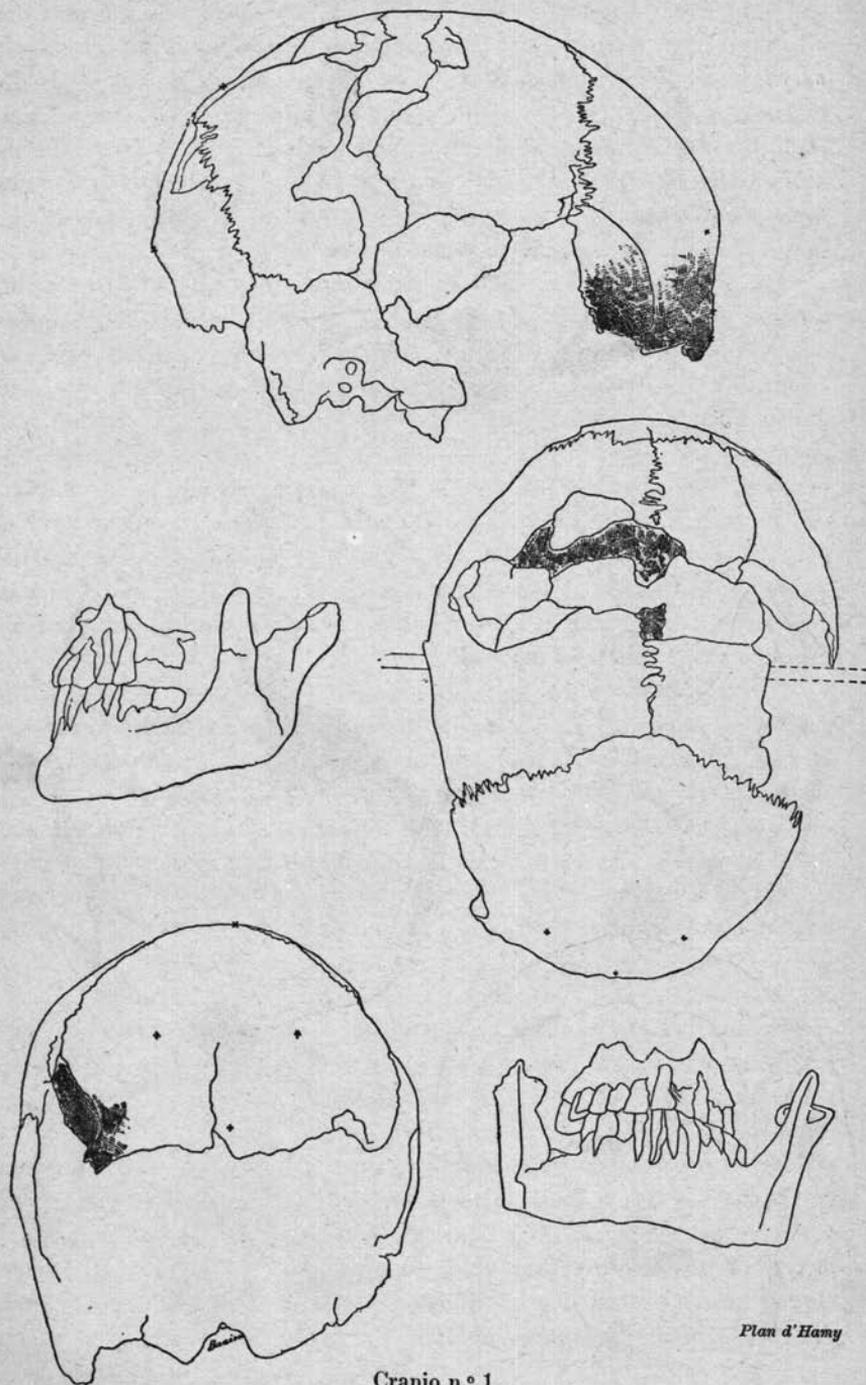
Do que diz Salgado, fundado nos textos dos autores que cita, infere-se: que gente marítima da Arabia, acompanhando as expedições gregas á costa meridional da península luso-hispana, povoou a raia marítima do Algarve, deu aos naturaes o nome de Cynétas, nome com que tambem designou aquella região até o Cabo de S. Vicente, ao qual chamou Cabo dos Cynétas; que anteriormente ao tempo de Polybio já tinha sido devastada a região dos Cynétas por M. Porcio Catão, o qual, saindo da Hespanha Citerior, logo que Scipião expulsou os Carthagineses, desceu á Lusitania, na Ulterior, devastando os logares lithoraes, onde moravam os antigos Cynétas; que nos limites dos Cynétas descreve Pomponio Mela o Promontorio, ou Cabo Cúneo, que tambem deu nome aos seus habitadores.

Ora, Pomponio Mela, fallando do territorio do actual Algarve, apresenta-o dividido em Promontorio Cúneo e Promontorio Sacro e designa as cidades ou populações que ainda existiam naquella região; mas os denominativos primitivos d'essas cidades ou populações é que elle não indica, apesar de que entre elles alguns ha que não parecem alatinados, mas oriundos de uma linguagem local.

Mela expressa-se nestes termos (*De situ orbis*, l. III, c. I): «Anae proximum, quia lata sede procurrens, paulatim se ac sua latera fastigat, Cuneus ager dicitur: sequens, Sacrum vocant: . . . In Cuneo sunt, Myrtili, Balsa, Ossonoba: in Sacro Lacobriga, et Portus Hannibalis».

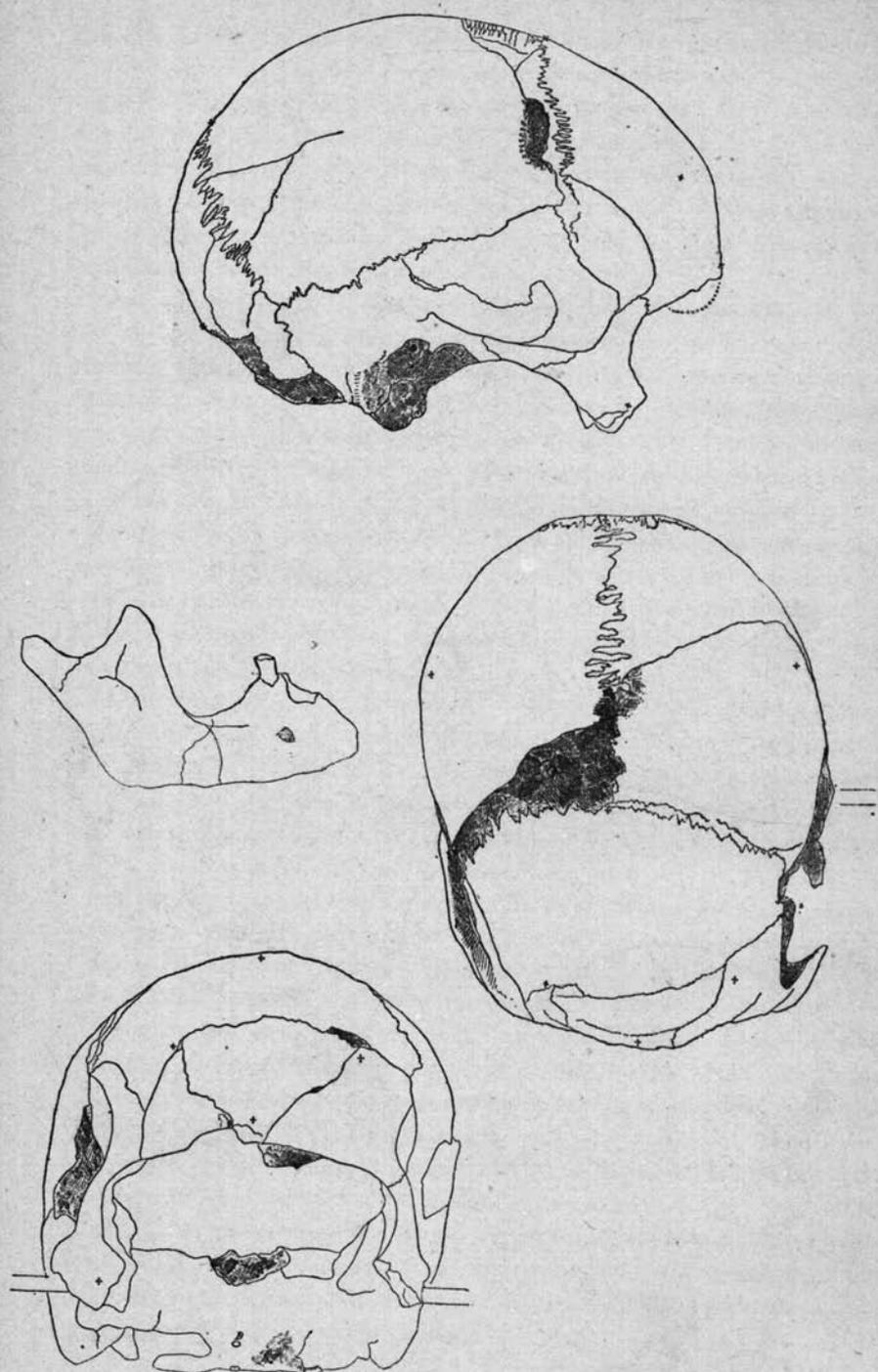
Vamos portanto passar a uma epoca propriamente historica, deixando na historia das velhas populações d'este territorio uma infinidade de lacunas, que só as sciencias archeologicas, nos seus futuros desenvolvimentos, poderão ir preenchendo.

Agora precisaremos ter sempre á vista as duas cartas archeologicas do Algarve, a dos tempos paleoethnologicos e a dos tempos historicos, a fim de se poder perceber quaes foram os logares de habitação pre-historicos que continuaram a ser occupados até os diversos dominios historicos que precedem a instituição politica da nação portuguesa. Será este o assunto do seguinte capitulo.

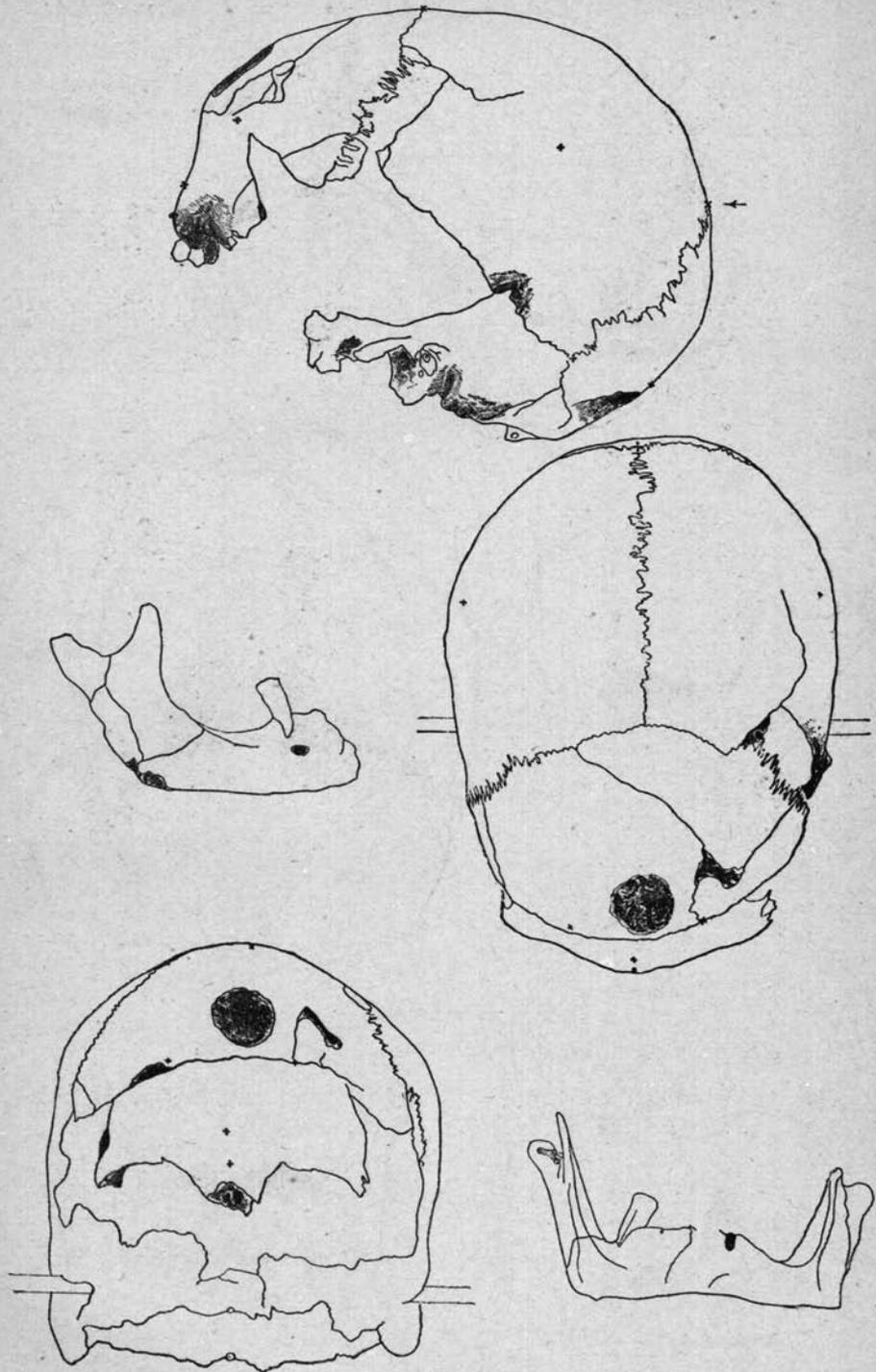


Cranio n.º 1

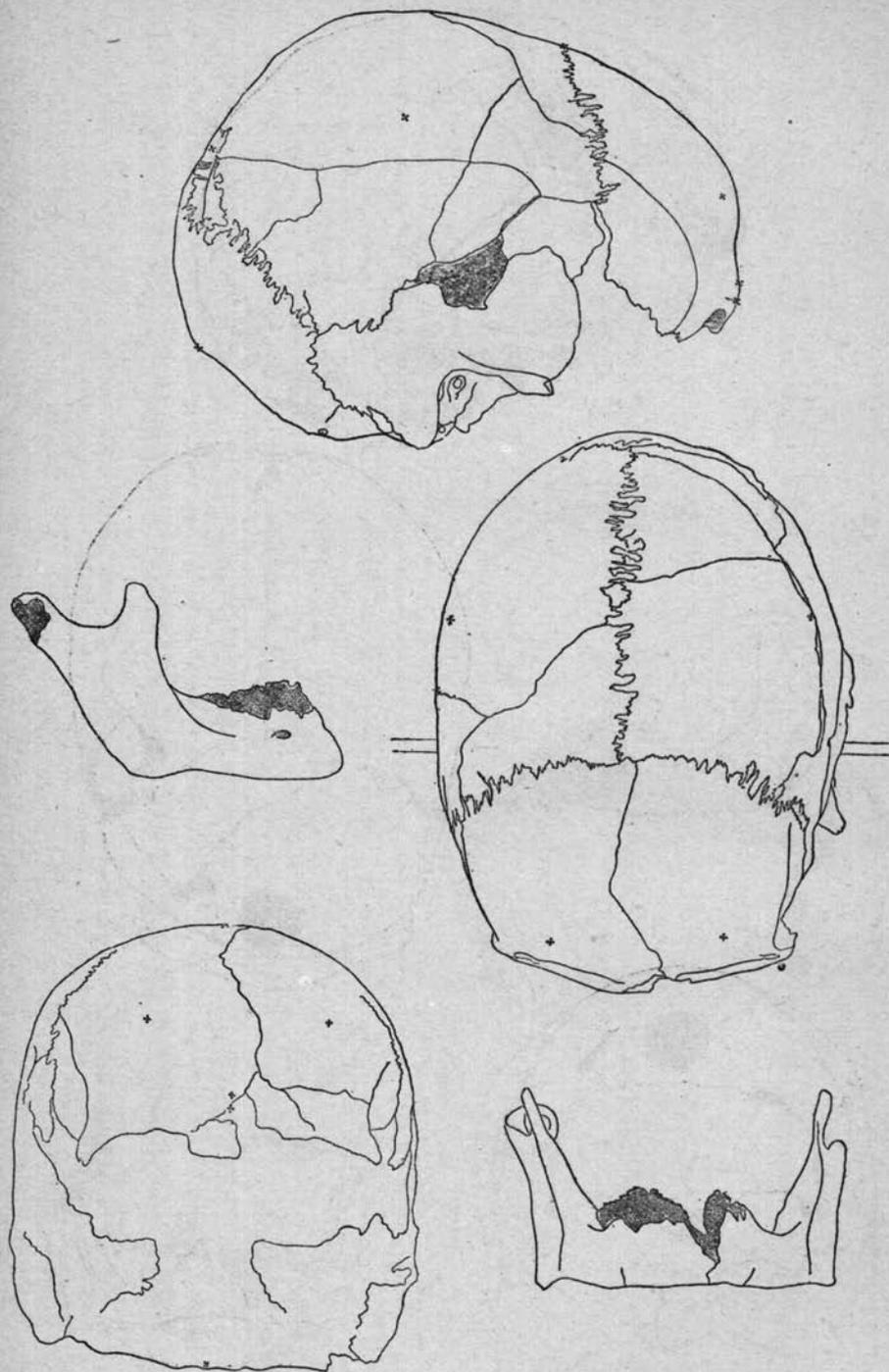
Plan d'Hamy



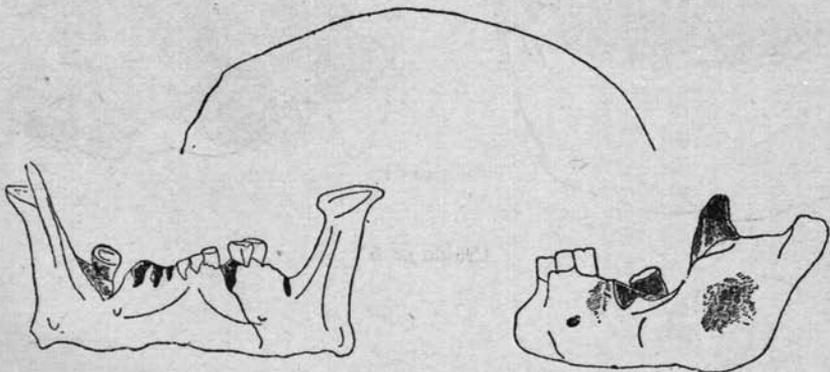
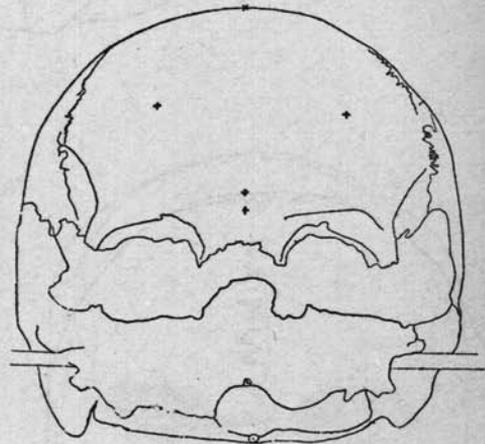
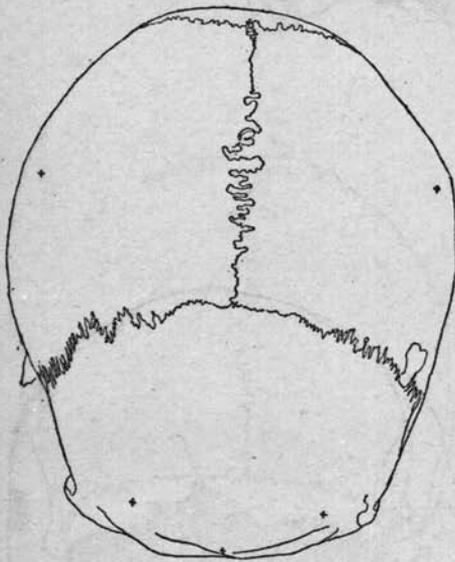
Cranio n.º 2



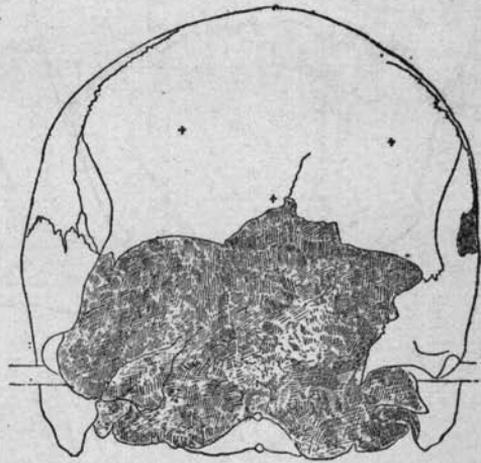
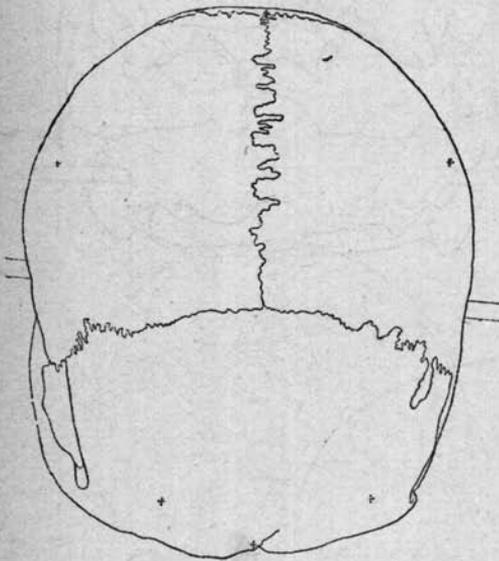
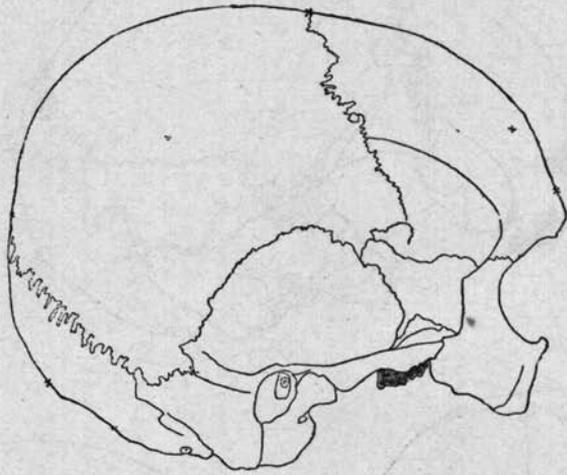
Cranio n.º 3



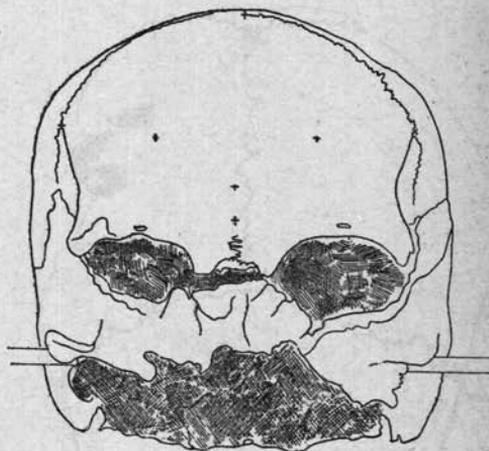
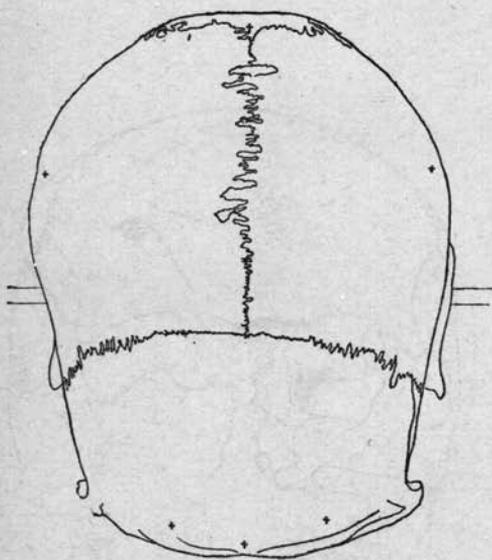
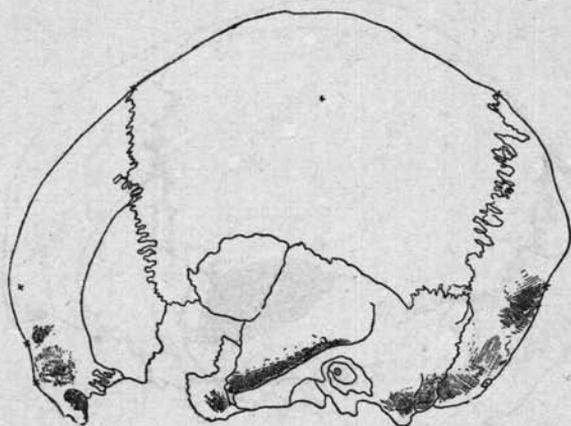
Cranio n.º 4



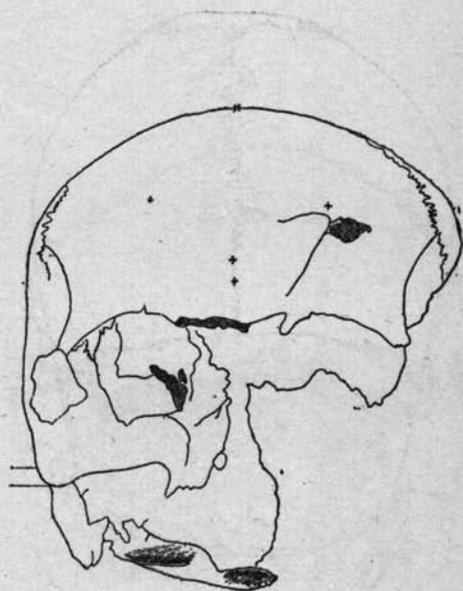
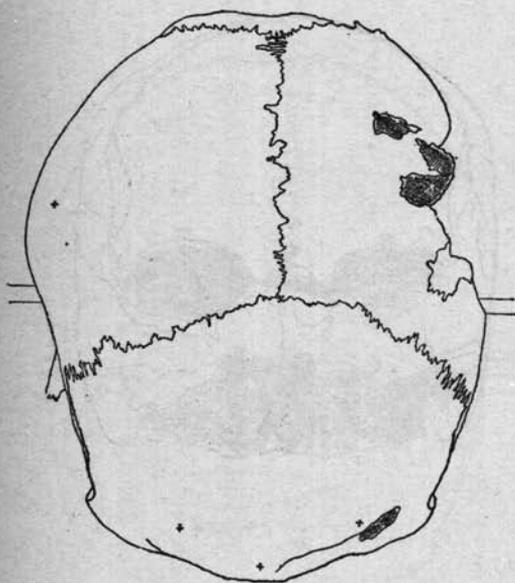
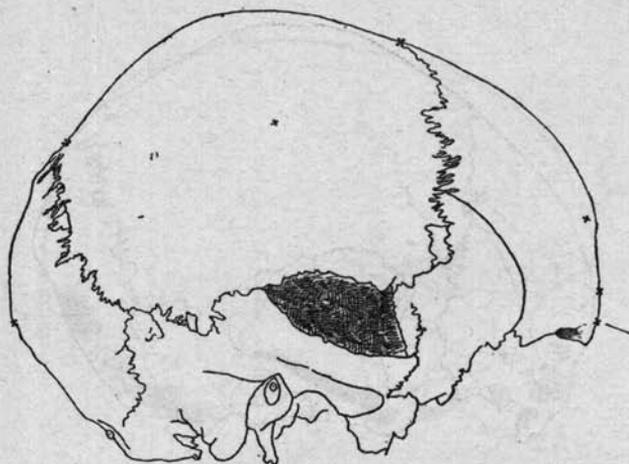
Cranio n.º 5.



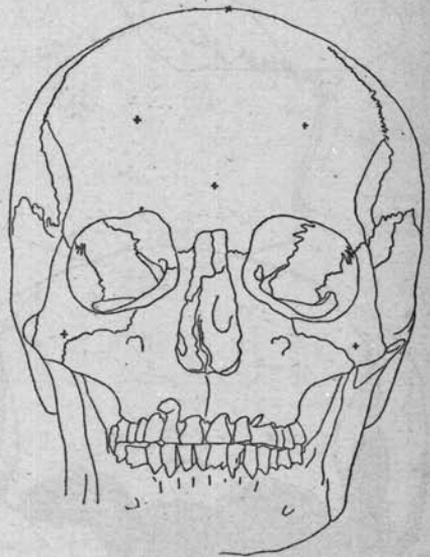
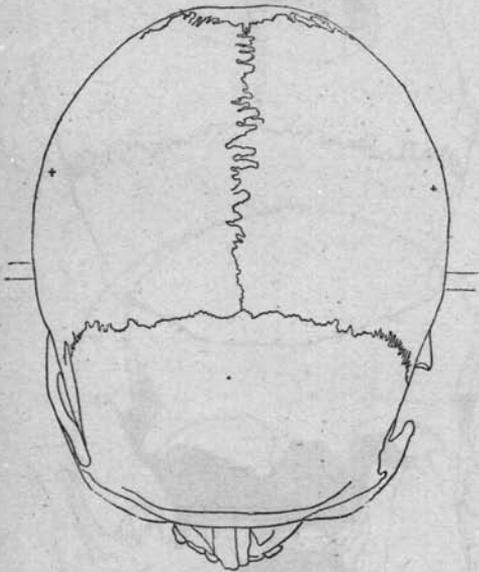
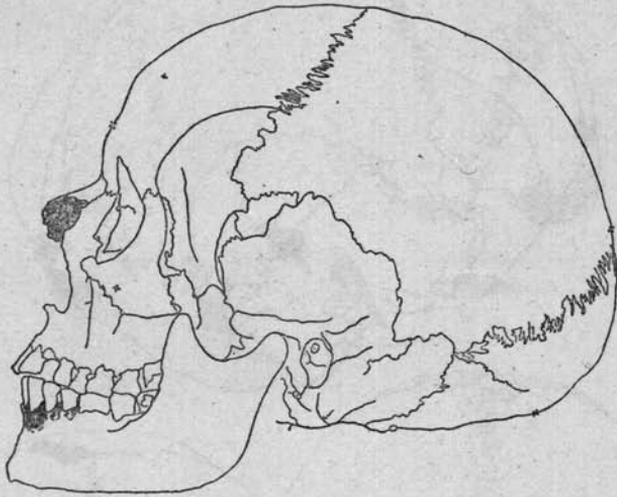
Cranio n.º 6



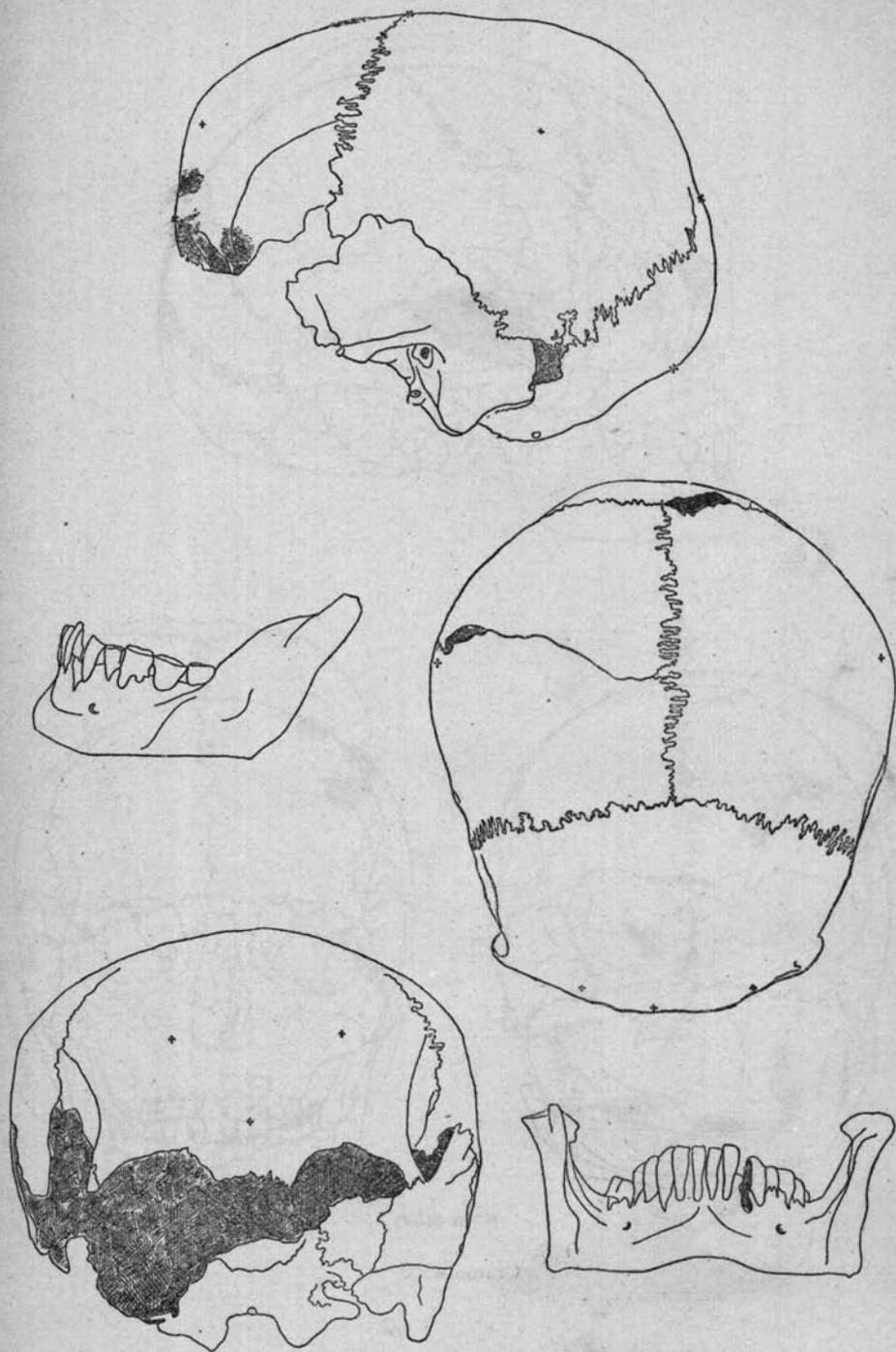
Cranio n.º 7



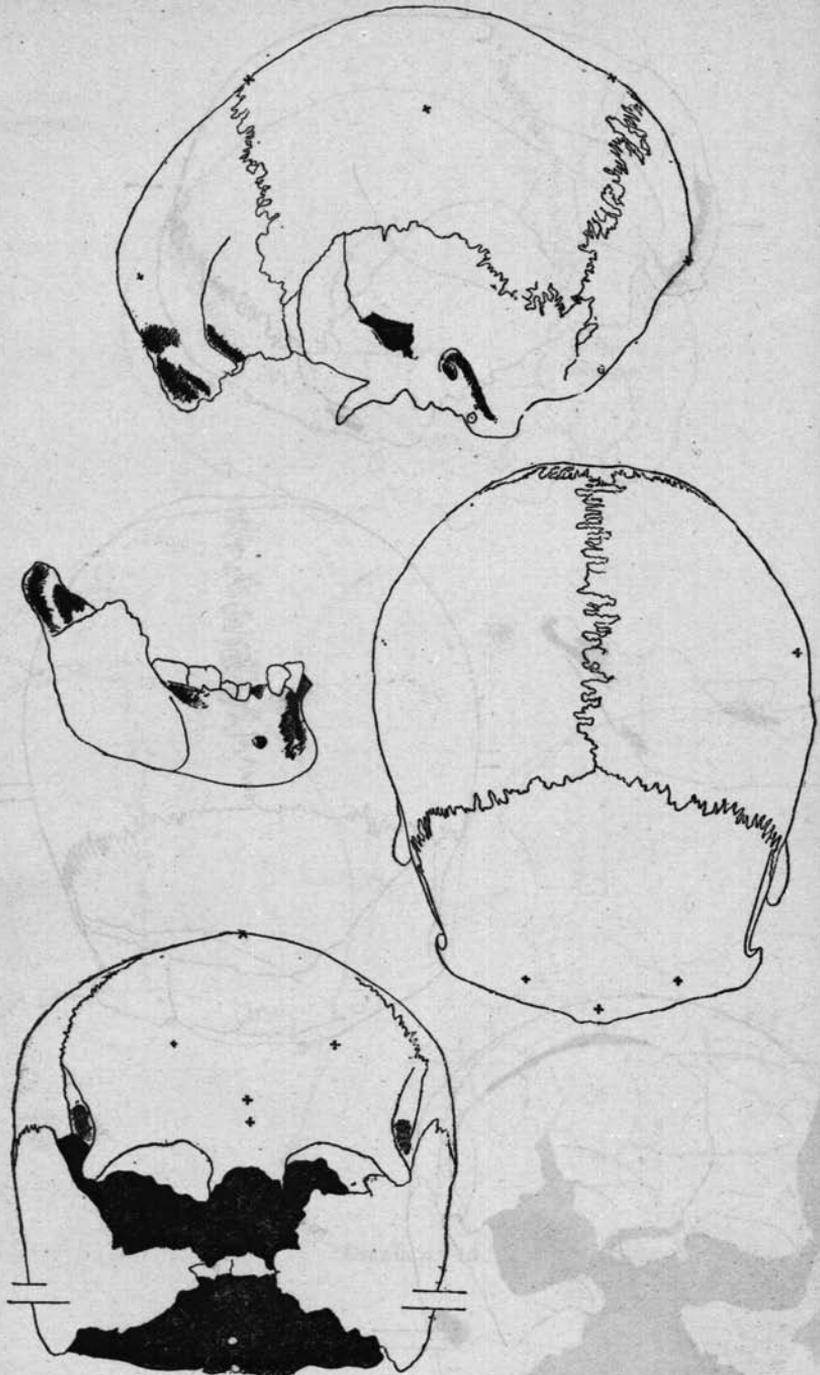
Cranio n.º 8



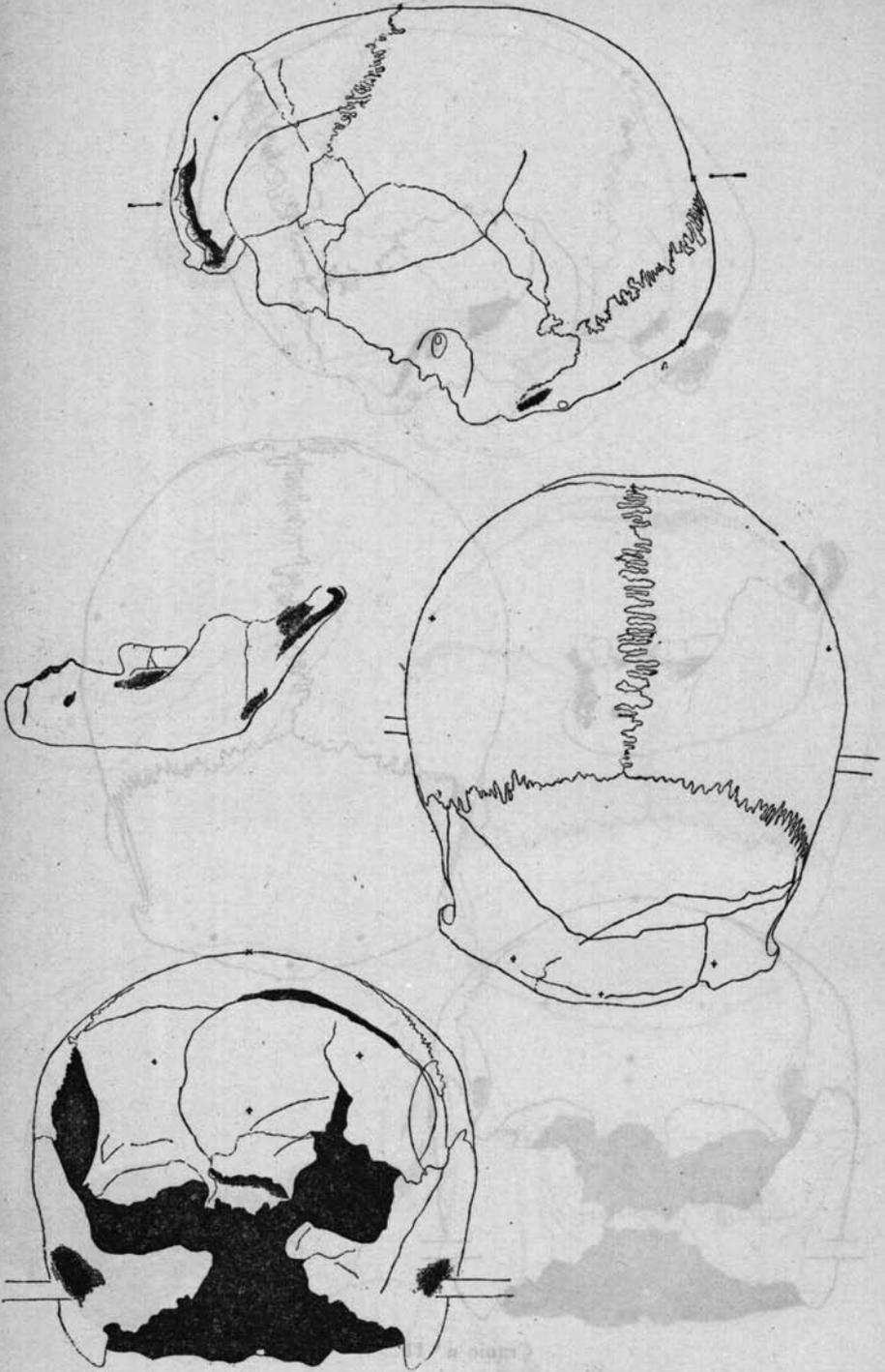
Cranio n.º 9



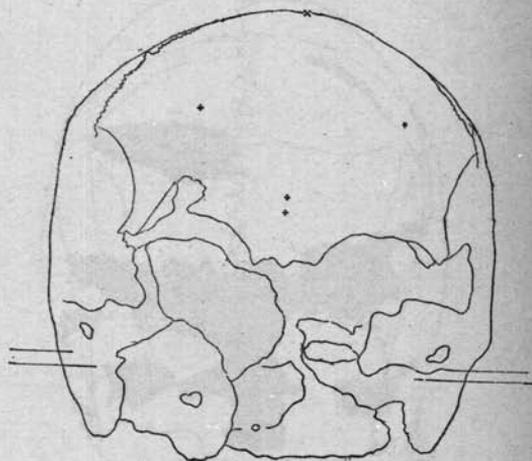
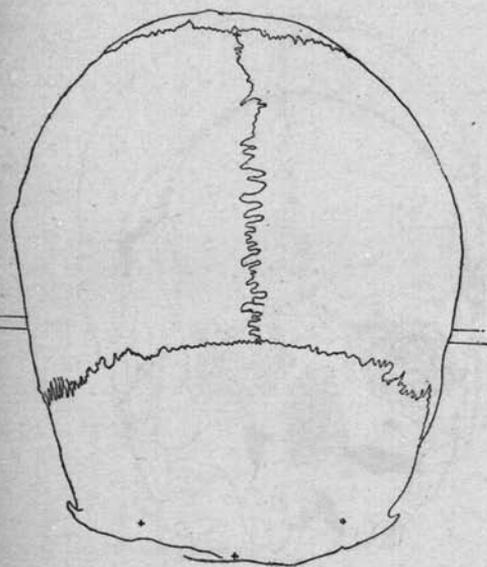
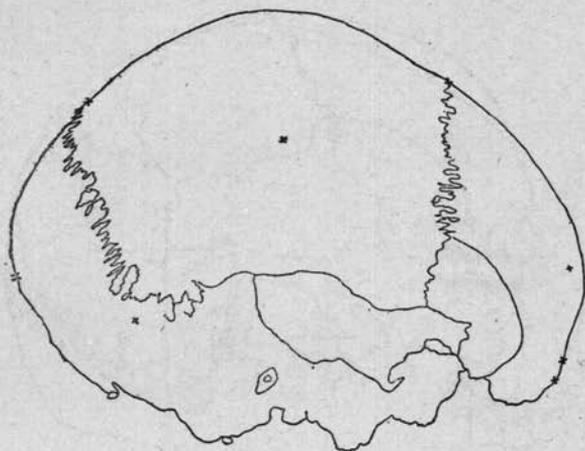
Cranio n.º 10



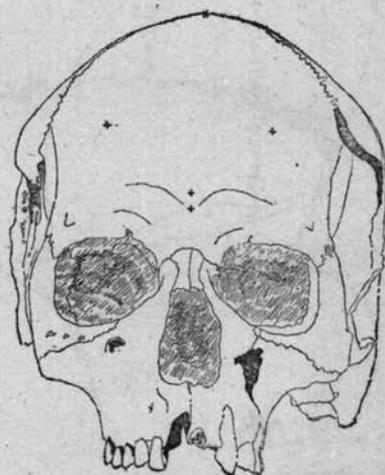
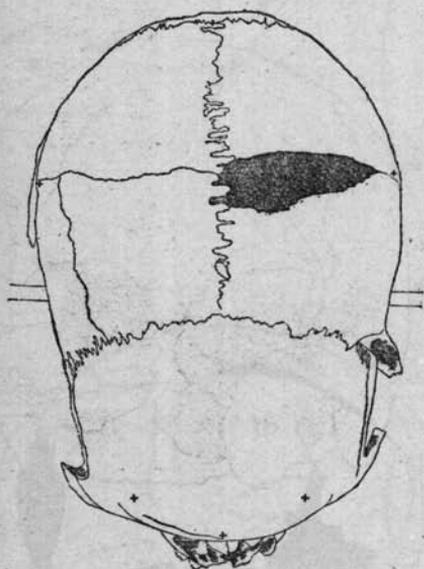
Cranio n.º 11



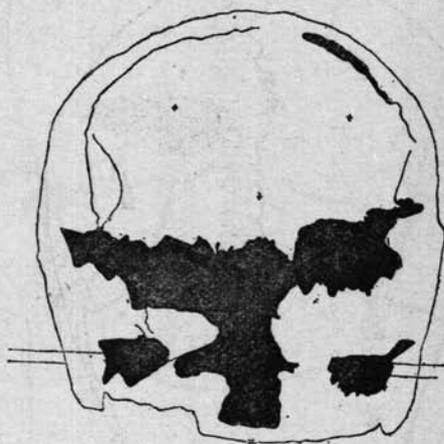
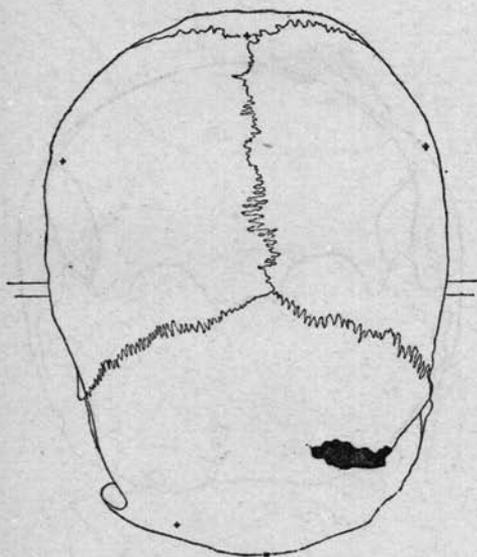
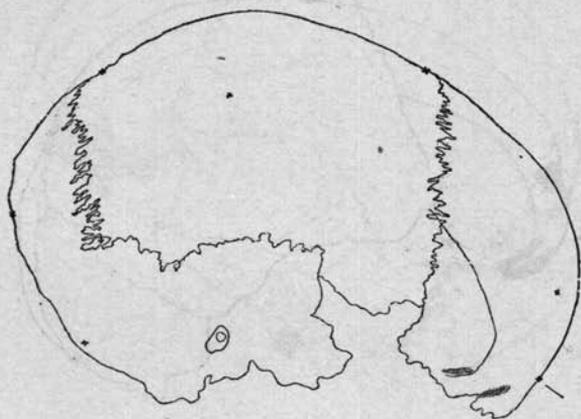
Cranio n.º 12



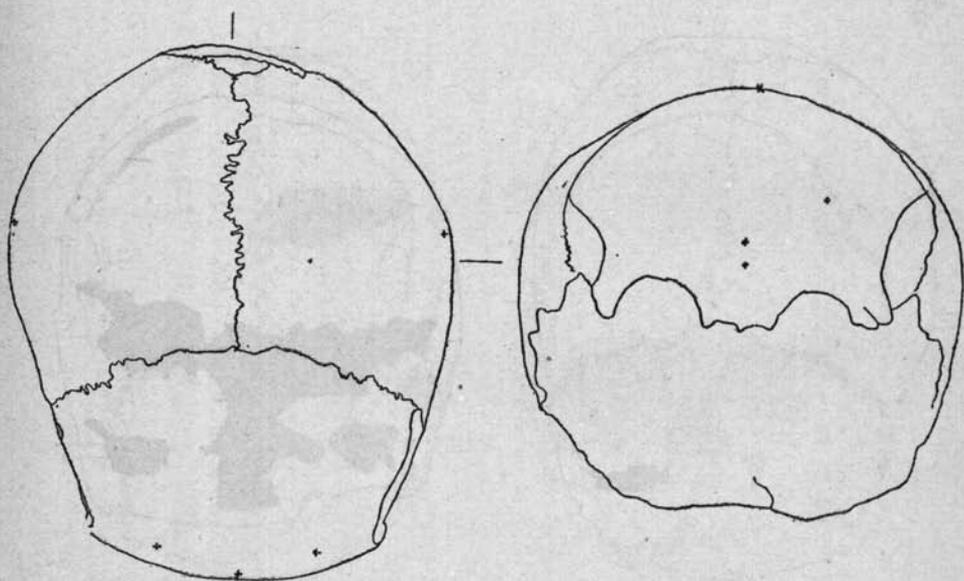
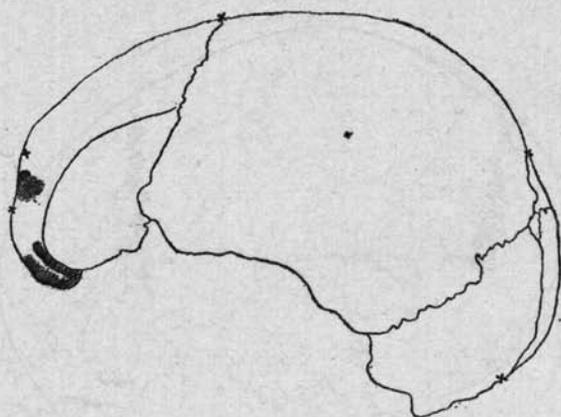
Cranio n.º 13



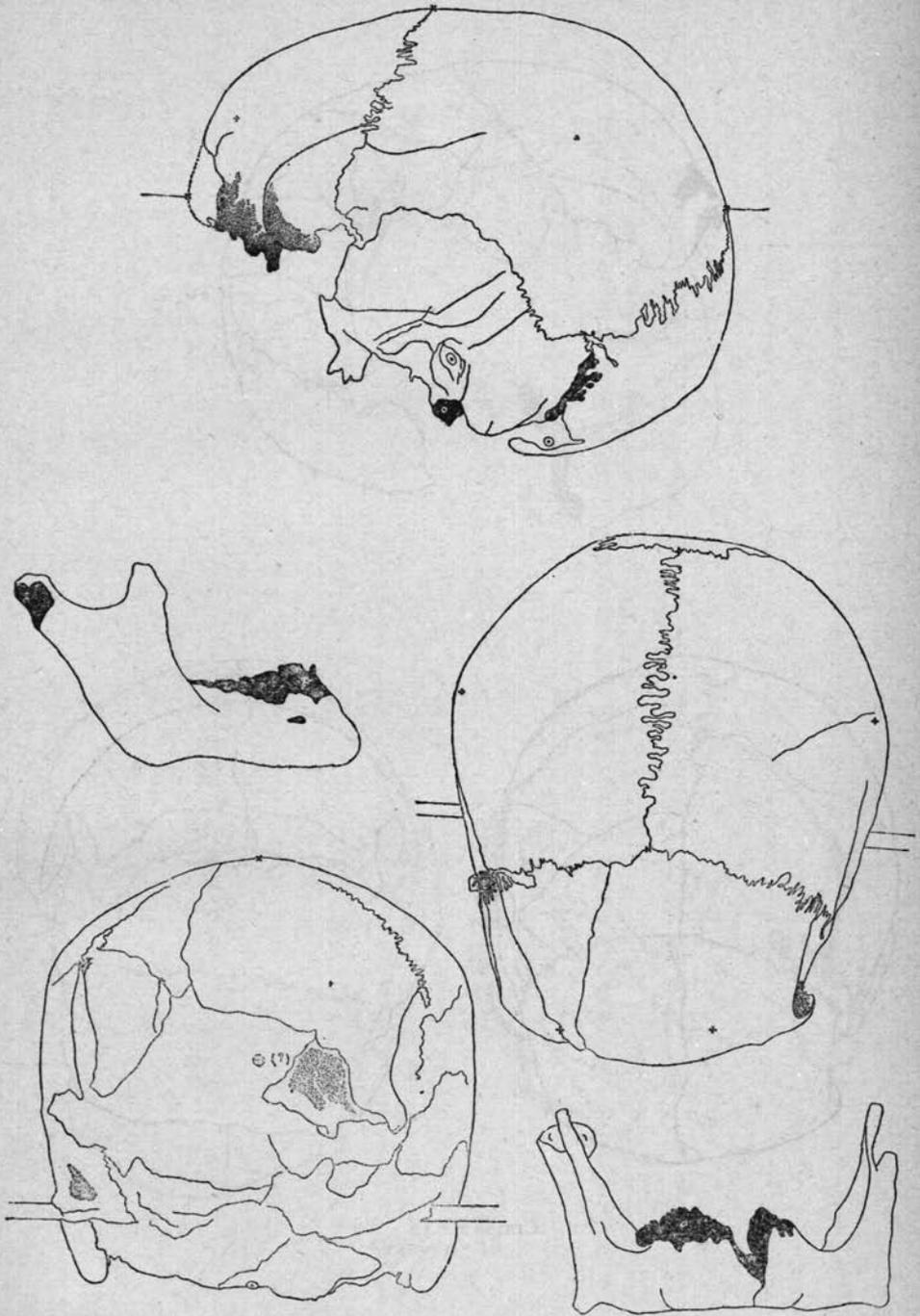
Cranio n.º 14



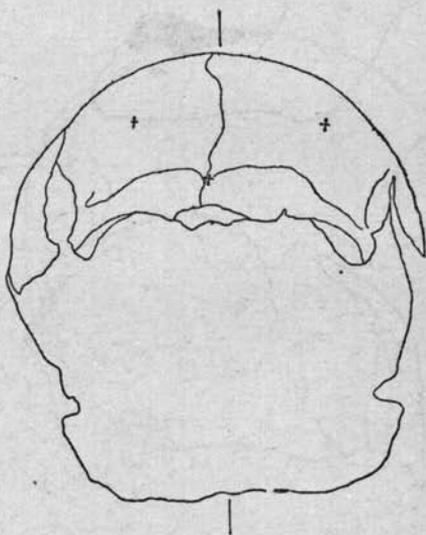
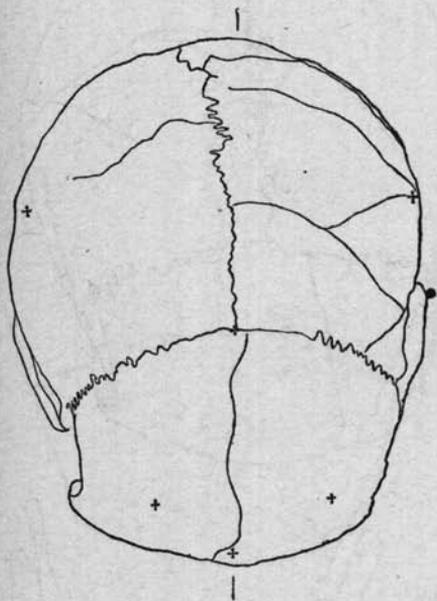
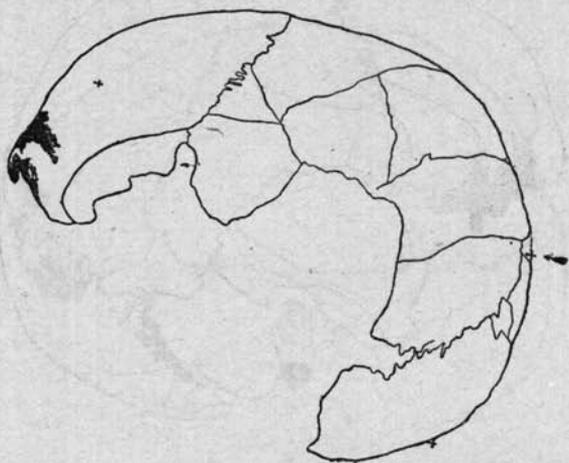
Cranio n.º 15



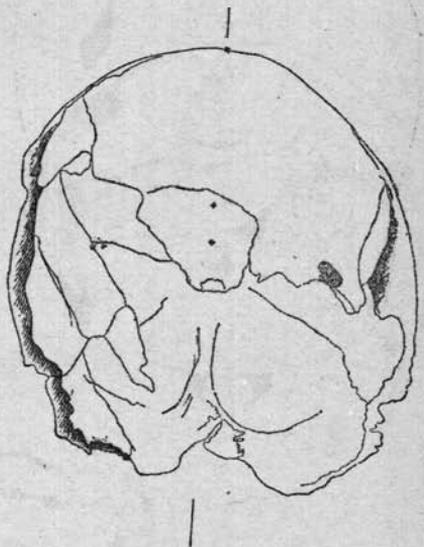
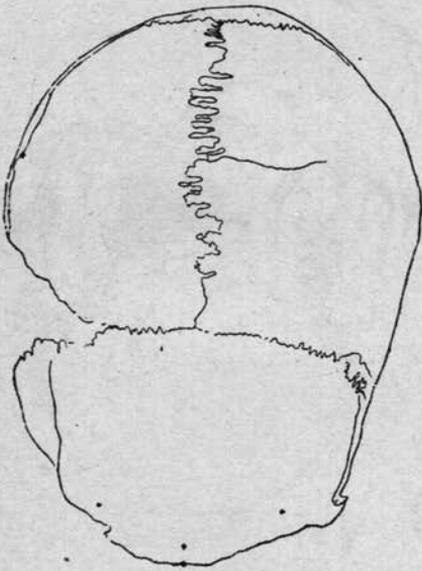
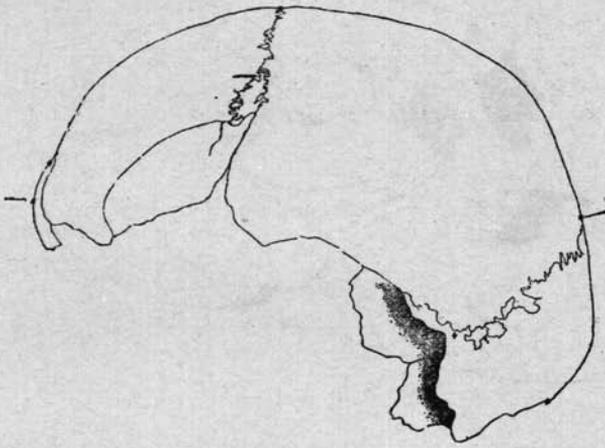
Cranio n.º 16



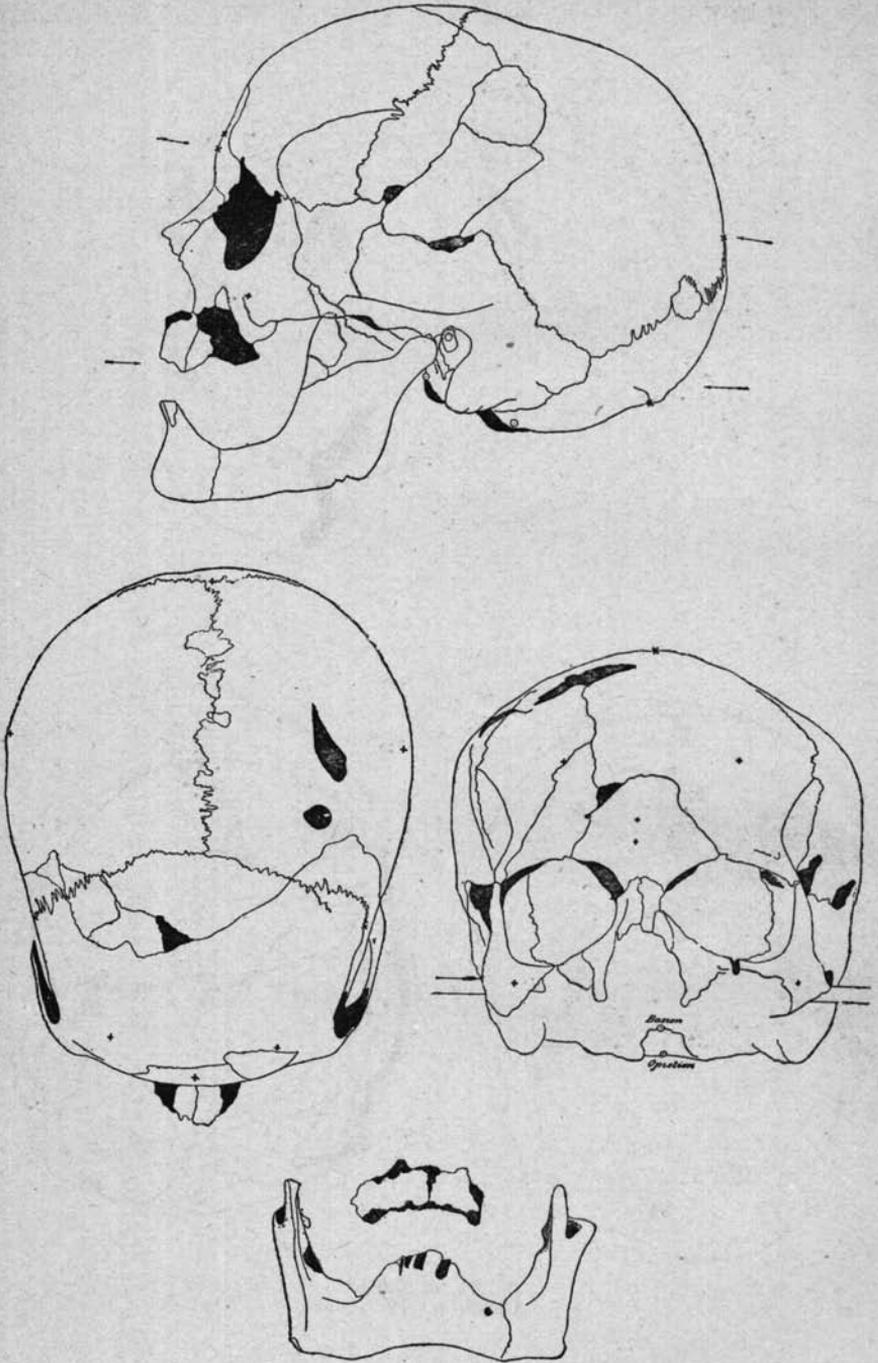
Cranio n.º 17



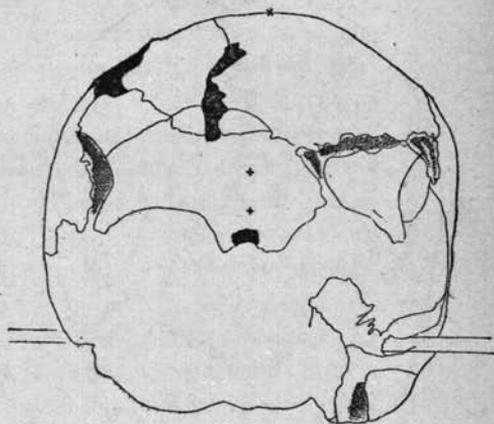
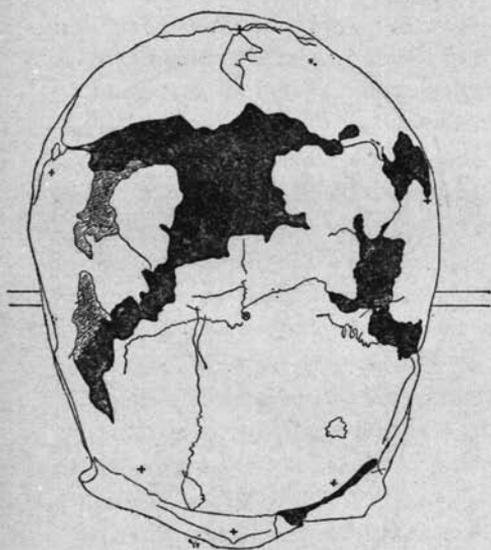
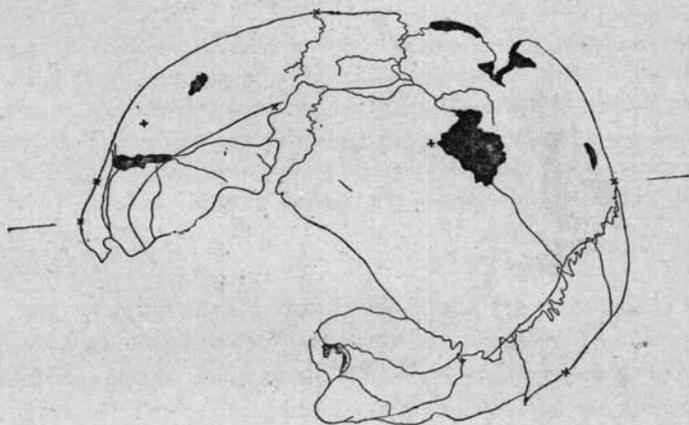
Cranio n.º 18



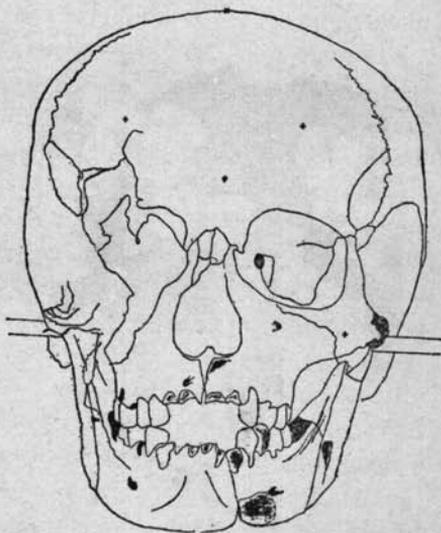
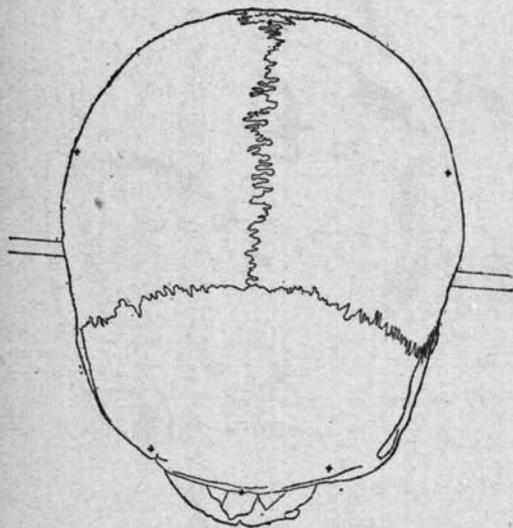
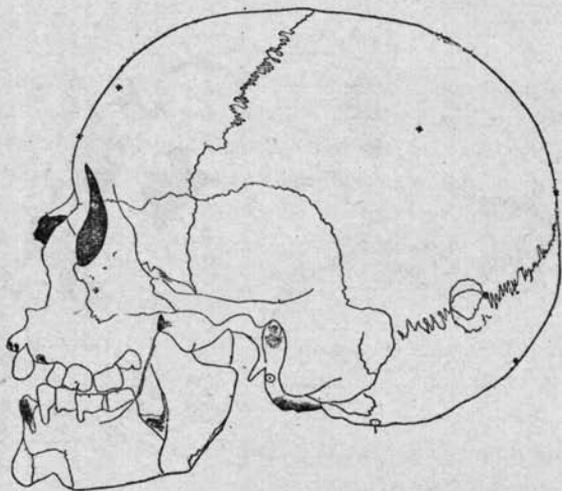
Cranio n.º 19



Cranio n.º 20



Cranio n.º 21



Cranio n.º 22